

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA : — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,500 rs. — Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 27 — SABBADO, 5 DE JULHO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,500 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,500.

SUMMARIO.

Camilla (continuação) — Contos e Lendas — Versos — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) — A desarborisação e os climas — A igreja do Salvador — A caixa do doutor (continuação) — Petrificacão animal — Os meus sonhos — A casa do capitulo na Batalha — O sultão no baile — Villa Franca de Xira — Modas — Chronica semanal — Bibliographia.
GRAVURAS — A igreja do Salvador em Beja — Villa Franca de Xira — Modas — A casa do capitulo no mosteiro da Batalha — O sultão no baile

CAMILLA.

MEMORIAS D'UMA VIAGEM.

II

Era uma bella manhã. O rio estava formoso, o sol brilhava vivo, e o *Duque do Porto*, coroado por um pennacho de fumo, prompto a sair, balançava-se nas aguas do Tejo.

Um bote impellido por dois remos afastava-me do caes das columnas, aroando direito ao vapor. Eu tambem ia para o Porto, ia ver a perola do Minho que se debruça graciosa sobre a corrente ligeira do Douro.

E o vapor cortava rapido a veia do rio e deixava apoz si Lisboa, Belem, Paço d'Arcos, e passando entre o Bugio e S. Julião barra fora, affrontava destemido os vagalhões do oceano oscillando de popa á proa.

Gosto muito de estar embarcado: satisfaz-me o contemplar o oceano em toda a sua vastidão e isolamento; acho poesia immensa no ceo profundo d'uma noite de Maio, quando as estrellas espalham seus reflexos tremulos sobre as aguas agitadas: é-me grato ao ouvido o canto monotonico do marujo repassado de saudade... mas todas as vezes que me embarco — enjoo.

Ora, não sei se sabem, o enjoo é a molestia mais estúpida do mundo; torna o homem n'um estado quasi bruto, enfraquece ao mesmo tempo o corpo e o espirito.

Apenas tinha o vapor transposto a barra, já quasi todos os passageiros se haviam recolhido a seus beliches. Eu, a muito custo, resistia ainda. Sentado n'um banco, com os olhos fitos nas vagas que espumavam ao longe, não sei verdadeiramente dizer em que pensava n'aquelle momento — se é que realmente eu pensava!

A meu lado estava um sujeito a quem nem sequer me dei ao incommodo de analysar as feições.

— O sr. vae para o Porto, não? disse-me elle.

Levantei a cabeça e olhei para o homem admirado. A pergunta era tola. Para onde diabo havia eu ir senão para o Porto! Só se me levasse a breca, porque n'esse caso ia para o outro mundo.

O meu amigo parecia esperar a resposta.

Respondi-lhe affirmativamente inclinando a cabeça.

— É a primeira vez que lá vae? continuou elle.

O mesmo signal com a cabeça.

— Pois o sr. nunca foi ao Porto?!...

Signal negativo da minha parte.

— Pois olhe, admira.

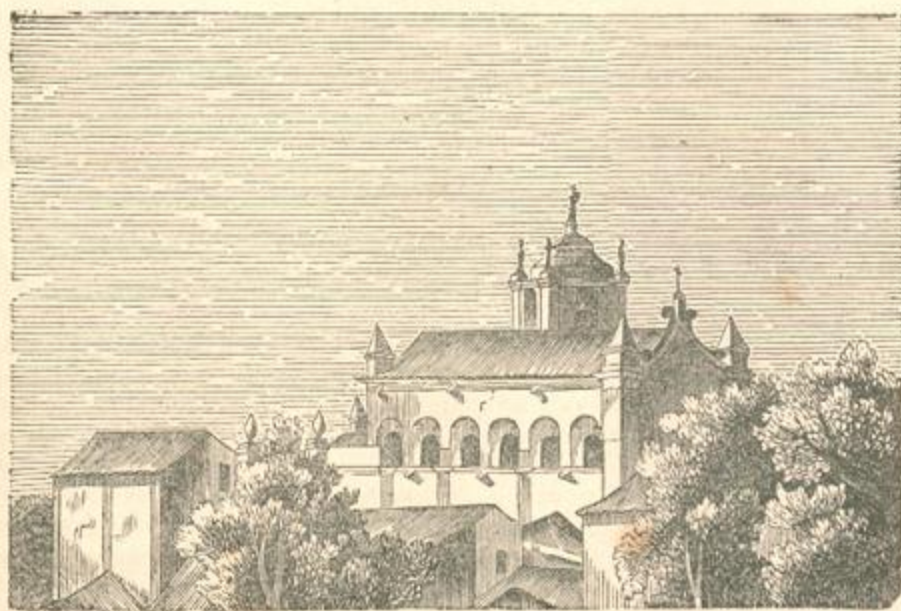
Eu fiquei immovel.

— O Porto é uma bonita cidade.

Encolhi os hombros.

— Tem boas ruas, soberbos edificios, muito commercio, excellente vinho, grandes cebolas, raparigas lindissimas etc. etc. e o homem continuou, n'um tom de declamação theatral, a tecer o elogio do Porto. Logo vi pelas primeiras palavras, que estava a contos com um minhoto, era preciso ser um santo para encarar a sangue frio a terrivel maçada que me ameaçava.

— Meu caro senhor — disse-lhe eu erguendo-me e cambaleando já meio atrapalhado com os balanços do vapor, — queira desculpar-me, porém não me sinto bom, preciso estar deitado... e se me dá licença...



Egreja do Salvador em Beja

— Ah! ah! disse elle, rindo-se com um modo apavorado, já está enjoado hein? é falta de costume. Olhe — continuou elle em quanto eu descia a escada da camara — a gente estar deitada é ainda peor; coma bem, beba melhor, passeie e o enjoo vae-se.

— Obrigado, respondi eu cortezmente; e cá comigo accrescentei — forte bruto!

Quanto tempo estive deitado, não sei; ergui-me só quando ouvi alguns passageiros exclamarem: avista-se o Porto!

Avista-se o Porto! repeti eu; então quero cumprir a promessa que fiz em Lisboa, quero de pé, sobre a popa do vapor, saudar a cidade invicta.

E nós avançavamos sempre, e eu dizia: eis o celebre Cabedello, eis o castello da Foz, ali é o pbarol de N. S. da

Luz; e quando entrei a barra accrescentei tambem: aqui, d'encontro a estes rochedos, tem naufragado muitos navios, tem perecido muitas pessoas! E a lembrança do vapor *Porto* crusou-me no pensamento, e inclinei-me insensivelmente sobre o abysmo para recolher um gemido, um ai pungente de agonia d'alguma victima, ou para descobrir as formas graciosas d'essa donzella pallida que as ondas engoliram.

A cidade do Porto é linda. Que magestade e que poesia não tem o Douro rolando impetuoso! E a torre dos Clerigos, erguendo-se colosso por sobre tudo que a cerca!... E ao fundo d'esse painel soberbo a serra do Pilar com todas as suas recordações gloriosas!...

E eu, de braços crusados, contemplava mudo o theatro d'uma lucta gigante, fraticida sim, mas em que a liberdade havia campeado; contemplava a cidade que recebera em seu seio o vencido de Novara, cuja morte inspirara ao grande lyrico portuguez um dos trechos mais sublimes da poesia moderna.

Quem ha ahí que não saiba de cór o — *Ave Cezar* — e que em frente do Porto não saude com enthusiasmo

Esse berço de muralhas
Que fez livre Portugal?!

Uma hora depois desembarcava, e olhava para tudo com attenção, porque tudo para mim era novo. Eu que tinha quasi a certeza de não encontrar ali pessoa alguma conhecida, de repente, ao dobrar uma esquina, dou cara a cara com um antigo condiscipulo meu.

— Ernesto!

— Casimiro!

Dissemos ao mesmo tempo um e outro, e ambos nos abraçámos.

— Já cá estás ha muito? perguntou-me elle.

— Agora mesmo desembarco; e tu?

— Ha mais d'um mez.

— Em que hospedaria?

— Na Aguia de Ouro.

— Na Aguia de Ouro?!

— Sim, na Aguia de Ouro. Porque diabo te

espantas?

— Com a fortuna! É justamente para onde vou, e encontro-te logo por companheiro! Na verdade, se tudo aqui me correr assim, sou feliz, não ha duvida.

— Vens tratar d'algum negocio?

— Não, vim passear; vim ver uma cidade que ainda não tinha visto.

— Então deixa estar, heide mostrar-te o Porto por dentro e por fora. Enfia o braço; vamos á Aguia de Ouro.

— Pois vamos.

— E a tua bagagem?

— Já lá vae adiante.

— Bom.

E depois de caminharmos um pedaço, olhando um para o outro, exclamámos ao mesmo tempo:

— Ora que raíçe!... Encontrarmo-nos sem esperar, no fim de tanto tempo de separação!

E ambos soltámos uma gargalhada de rapaz estouvado.

Continua.

CASIMIRO ABREU.

CONTOS E LENDAS.

I

O PRESBYTERIO.

Dicebamque: In nidulo meo moriar, et sicut palma multiplicabo dies.
Job. cap. XXIX. v. 18.

A collecção, que se principia hoje, é obra de um homem, que não quiz do mundo senão a tranquilla obscuridade, que faz o supplicio de muitos.

Verdadeiro ministro de Deus pelo coração, assentou-se aos pés da cruz do Mestre, e d'alí viu aproximar o inverno e o frio da velhice com a mesma serenidade, com que tinha atravessado os precipícios da juventude e da idade viril, sem os temer, nem tropeçar.

Feliz e satisfeito com a pobreza, só invejava (se alguma inveja teve!) a unção apostolica e a eloquencia consoladora dos primeiros confesores da fé nas grandes épocas da regeneração moral.

Ao cabo de longa jornada, quando a hora do descanso vinha perto, encostou a cabeça, e amanheceu quasi sem dor na mansão do jubilo, suspirada patria da sua esperança, e unica impaciencia de uma alma, que se entristecia, como captiva, longe da morada celeste.

N'elle a virtude era risonha e facil, porque nascia de dentro, e não armava aos applausos, nem aos respeitos mundanos; e se alguma vez peccou foi por excessiva bondade natural.

Não podia ouvir queixas, nem ver lagrimas, que não acudisse logo com o socorro na mão, ou com palavras de consolação na bocca; e por isso, muitas vezes, elle, o ancião experiente e desenganado, se deixava illudir pelos hypocritas, denunciando a simplicidade da pomba, e confiando-se de todos com uma candura quasi infantil.

Por mais que lhe dissessem, a sua caridade nunca se esgotava, e embora faltasse a si, nunca faltou aos outros. Se o convenciam de erro na applicação das esmolas, respondia sem se alterar, e sempre em ar de riso: «louvado seja Deus, que o dá! Ainda bem que chega até para esses!»

Dito isto cheirava com pausa uma pitada, catava os seus craveiros, e depois, com as mãos nos bolsos, vinha de passeio até á cosinha rondar o almoço ou o jantar, entregues á diligencia impertinente da tia Brizida, santa velha, que tinha a seu cargo a economia domestica e o baixo e mixto imperio da horta e da capoeira.

A ultima enfermidade do padre vigario foi occasionada pelo seu zelo no serviço d'Aquella, que tambem nunca fez esperar os afflictos, que o chamaram.

Por baixo de uma cerração de chuva, e de um vento agudo, que traspassava, á meia noite metten-se ao caminho para levar as consolações da Igreja a uma das suas ovelhas, talvez á mais pobre de todas, que agonizava em uma choupana da serra, fora da povoação.

Quando voltou, o rosto do prior estava pallido; os dentes batiam-lhe de frio; a febre ardia-lhe nas veias. Deitou-se, mas não tornou a levantar-se.

Ferido no seu posto, elevou o espirito, abençoou os trabalhos e as dôres da molestia, e, bem com Deus e com os homens, adormeceu ao terceiro dia sobre a madrugada para não acordar mais.

Fechando os olhos, o vigario levou tudo consigo. Para se sepultar foi preciso valerem-lhe os vizinhos; mas tambem nunca houve funeral tão rico de lagrimas e louvores.

Os logares da freguezia e dos arredores despovoaram-se para o acompanhar, e quando saiu o corpo, os prantos da povoação inteira banharam aquellas mãos, tantas vezes erguidas para a abençoar na alegria e nos cuidados, e sempre abertas para a socorrer nas afflicções.

O velho parcho era o pae de todos, e fazendo em vida os pobres os seus herdeiros, não deixava de seu mais do que sobrepeliz e a loba, em que o amortalharam, e o crucifixo de marfim, que apertou ao peito na ultima despedida.

O premio não foi só a corôa da gloria!

Por desvaivada e corrompida, que esteja uma geração, os exemplos fecundos gravam-se-lhe, e a rudeza propria dos campos de ordinario é mais tenra para os receber.

Foi o que succedeu na parochia.

A ama desamparada, á qual o prior legava apenas a boa memoria das suas acções, achou logo a hospitalidade affectuosa, não de um, mas de muitos para abrigar a sua velhice. Todos a queriam, e a buscavam, como se a Providencia lhes entrasse com ella pelas portas do casal.

O cão do pastor, o fiel companheiro de tantos dias, houve quem se condoesse, e o fosse levantar da sepultura fresca, aonde gemia, dando-lhe asylo.

As pobres alfayas da casa, o breviario usado, os poucos livros da estante, e a batina remendada, disputadas como reliquias, repartiram-se á sorte para evitar contendas; e mesmo hoje, depois de largos annos decorridos, o

tempo, que tudo gasta, ainda não amorteceu a saudade do sacerdote exemplar, cujos ossos repoisam á sombra dos cyprestes plantados pelas suas mãos, defronte do cruceiro da igreja, no pequeno cemiterio da aldêa.

Este foi o homem e o ecclesiastico respeitavel e venerado.

Do poeta, que era, e que sempre tinha sido, sem elle mesmo o suspeitar, poucas ou raras pessoas dariam noticia.

Fugia da fama, que dão as letras, com o mesmo cuidado com que se furtava ao pregão honroso da sua caridade!

Envergonhava-se tanto de si, e do mundo, e receava por tal modo que o vissem, que se a direita se escondia da esquerda na esmola, não era menos discreta a penna com que disfarçava nas noites invernosas a tristeza das longas horas.

O bom do prior não tinha vagar para grandes livros. Nos curtos ocios, que lhe permittiam as suas obrigações, distrahia-se, deixando correr a phantasia pelas recordações gloriosas do passado, talvez para enganar as amarguras do presente, em quanto o vento lhe sacudia as janellas, rugindo fora, e a chuva, chapinhando, caía susurrando pelas beiras dos telhados.

Assim nasceram em um canto humilde da aldêa estas LENDAS E CONTOS, escriptos sem emendas, e com admiravel rapidez em letra grada, direita e garrafal, para regosijo dos compositores, que cegam a miudo os negalhos de missanga de certos autores, que nós conhecemos, e que Deus não castigue para desaggravo das victimas.

Se ainda vivesse, o padre vigario de certo não soltava os seus captivos da gaveta, aonde os fechava a tres voltas e meia; mas á força de instancias, condescendeu em m'os deixar, com a faculdade de fazer d'elles o que melhor julgasse, com tanto que o verdadeiro autor nunca apparecesse, porque, dizia o virtuoso ecclesiastico, não eram coisas estas para um sacerdote da sua idade matar com ellas o tempo, quando devia resar, compôr as suas praticas do domingo, e examinar todos os dias a sua consciencia.

«Entretanto, (acrescentava) não sei o que é; porém, se me sento á mesa e pego na penna, não sou mais senhor de mim, e prendem-me as malditas novellas apesar de todos os protestos. Parece que ha n'isto bruxaria!»

A bruxaria era o que hoje por moda se chama vocação.

O prior, a sós comigo, perdia dos olhos as realidades da vida actual, e quasi sem o saber, achava-se de repente no mundo phantastico, aonde antes d'elle tinham entrado tantos outros, que a admiração sauda como reis e principes nos dominios da intelligencia.

O que sem duvida, e mais do que tudo o desviava da luz publica, em que vão queimar-se levanamente muitos temerarios, era o pouco, ou nenhum caso, que fazia das suas escriptas frivolas, assim as tratava.

Se não as punha de lado por viciosas, tambem as não tomava para desenfado sem escrupulo. Preferia não falar n'ellas.

Rabiscava (era a sua phrase) umas folhas de papel, e sem as tornar a ler junta-a o novo caderno ao maço antigo, o nastro vermelho atava tudo, e o bom do padre esquecia se depois d'este e dos outros até ao seguinte inverno, em que voltava ás suas historias com extremo pavor da tia Brizida, confidante de todos os seus segredos.

Em lsa fé a ama chegou a persuadir-se de que o demonio, á força de esbofeteado e escarnecido pelo vigario n'aquelles eternos papeis, mais hora menos hora havia de perder a paciencia, e vingar-se, torcendo o pescoço ás gallinhas e frangos, ou chupando o sangue aos coelhos, transformado em raposa, ou em ginele com grande gosto dos seus sequazes, e pesado luto da capoeira do presbyterio, dizimada a esmo pelo parcho beneficente, quando findavam as ultimas pratas no classico pé de meia, que lhe servia de bolsa, e apertava a necessidade de fechar as mãos, ou de entrar com baração e pregão pela dispensa e pela horta.

Estas invasões da caridade nos seus estados mortificavam excessivamente a senhora Brizida, e formavam um capitulo importante na estrada arenga das suas lamurias nas paroleiras confidencias da tarde com as vizinhas.

Por mais que o prior se escondesse para fazer bem, os olhos de linca da ama vigilante, se o não apunhavam logo em flagrante, pouco tardavam em descobrir a falta; e Deus nos acuda! era um nunca acabar de resmungações, «de modo, dizia o padre, que a minha açorda e os meus feijões não me prestam em toda a semana com o tempero acido dos lamentos da miuha velha governante; o que não tira, ajuntava rindo, que ella da sua parte não me ajude menos mal, fazendo quasi outro tanto, mas com mais tento e melhor escolha, do que eu, pede a verdade que o confesse.»

A casa do presbyterio não era grande, nem espaçosa, mas fora, e a distancia, tinha um ar de alegria, e certa belleza rustica, que namorava os olhos, e não sei por que, mesmo de longe promettia logo a hospitalidade festiva, que no tempo do vigario abria os braços, como bem vindos, a quantos o procuravam.

Erguida na corôa de uma colina arredondada alvejava-lhe as paredes, sempre caiadas, por entre os palmitos das antigas fatias, cujos troncos lisos e direitos o vento inclinava graciosamente.

O pateo formava uma horta ajardinada, e os canteiros,

frescos das regas, creavam as melhores verduras do logar.

Em roda, por declives suaves, penduravam-se as vinhas até ás margens de um ribeiro, toldado de chorões e salgueiros, que se torciam, descabellando os ramos, para beijar a agua.

Entre as vinhas, estendiam-se as hortas, divididas por vallados de piteiras como alcátifas de um verde mais fino, e os pomares, copando-se, offerciam á vista, de espaço em espaço, mactos deliciosos, que em vindo a estação se esmaltavam de flores, embalsamando tudo.

Depois, subindo sempre, e alargando os olhos de outeiro em outeiro, até ás montanhas, que fechavam os horizontes, viam-se os troncos nodosos e robustos das oliveiras trepando de soalco em soalco até á cortina de pinheiros, cujas esguias e tristes cabeças meneava a viração da tarde.

A ribeira caía de cima, ora rehentando entre rochas entaladas, ora murmurando meia adormecida e espelhada no leito quasi plano, para mais abaixo tornar a despenhar-se com estrepito, e entre espumas, chegando rica ao silio, aonde sangrada em veios se repartia pelas terras.

Aquelles altos enramados de pampanos, e vestidos de arvoredos; aquelles valles viçosos de pomares e de hortas; as diferentes côres, que zebavam o doiso dos montes desde a esmeralda viva até ao loiro quasi cendrado das paveias maduras, as flores marchetando as veigas, as aguas precipitando-se em umas partes, e em outras, mansas e limpidas, derivando-se lentamente, quer o sol inundasse de luz doirada todo o quadro, quer o clarão crepuscular, já pesado de sombras o revestisse de meiga melancolia, compunham uma vista de tanto enlevo, e de tanta variedade, que fazia nascer o desejo de pedir abrigo em um d'aquelles casaes que ao anoitecer se animavam com os risos infantís, e os folguedos innocentes, defronte da porta, e com as vozes dos paes e dos vizinhos, que recolhidos do campo, descansavam encostados aos cajados, em quanto o fumo, saindo das chaminés, e espalhando se, annunciava que a hora da ceia e do repouso não podia demorar-se.

Era quasi sempre n'esta occasião, em que o corpo se sente mais quebrado, e o espirito se mostra mais pacifico, entregando-se á branda tristeza do declinar do dia, que o padre prior desembocava de repente de uma das azinhagas, e correndo a mão pela cabeça das creanças, tratava de mover o coração dos velhos, ou para os persuadir a ajudarem-o em alguma obra pia, ou para os compôr, se ardia a discordia, sanando na origem todas as malquerenças, e conseguindo assim, em quanto vivem, que os moradores da sua parochia formassem uma só familia, amiga e unida.

Conhecendo-os a todos, sabia a corda sensivel de cada um, e rara vez deixava de obter o que desejava.

Mestre, e passa-culpas eterno dos rapazes, apenas o avistavam, corriam todos a agarrar-se-lhe ás mãos e á loba com gritos e saltos, que eram um verdadeiro rebate.

Uma palavra mais forte do padre vigario, ou uma cara mais seria, bastavam para emendar os mais travessos; nenhum queria no domingo de tarde, á doutrina, que elle o mandasse de castigo para a porta da igreja, ou que o suspendesse de ajudar á missa, tendo idade para isso. Esta pena suave, applicada a proposito, doía mais ao peccador do que as alencadas correções domesticas, que alguns (Deus lhes perdoe!) supportavam, segundo affirmavam as mães, como iscriotes tentadores, rindo e bailando, entre visagens que simulavam o medo e a dôr para aggravarem mais o escarneo.

No verão, e á tarde, o prior era sempre certo debaixo da parreira, que lhe cobria a varanda, com o seu livro na mão, e os seus oculos de prata descaídos para a ponta do nariz.

Lia, passeando; e de duas em duas voltas parava para bater na caixa, sorver a sua pitada de rapé, e deitar os olhos pelos canteiros de flores; depois continuava no mesmo gyro até passar a calma, e serem horas de tomar o ar, como elle dizia das suas marchas de meia legua, e mais, pelos montes e quebradas.

A primeira vez que o encontrei poucos homens vigorosos, e na flor da idade o poderiam acompanhar no seu passo igual e firme. Abordoando-se por costume, e não por necessidade, despejava caminho como o mais valente andariilho sem o menor esforço.

De estatura elevada, secco de rosto, mas encorpado, carregava sem peso com a sua velhice verde e alegre, mostrando ainda parte da gentileza, e da robustez, que em mancebo o tornaram notavel.

As faces rosadas, os olhos cinzentos, grandes, e vivos, com um toque de finura risonha, e a bocca não pequena, mas engraçada, davam-lhe aspecto agradável, com uma jovialidade, que excluindo o constrangimento, ao mesmo tempo impunha respeito.

A brandura do animo correspondia. O que o semblante promettia, achava-se, apenas o tracto mais intimo deixava conhecer e apreciar todas as qualidades, que ornavam aquelle caracter honrado, severo só consigo, mas inflexivel e incapaz de se torcer em pontos de consciencia, e de virtude.

Na convivencia que tive com o padre vigario, aprendi mais do que em muitos annos de leitura; convalescente e magoado, devi-lhe a saude do corpo, e a saude e conforto da alma.

Aquelle velho, desterrado por gosto e eleição no deserto d'uma aldêa ignorada, era mais sabio na sua hu-

mildade, do que muitos, que alardeiam grande lição, e vemos presados mais pelo que ostentam, do que pelo que valem.

A sua philosophia encerrava-se em dois preceitos, que tudo explicam e podem: a paciência e o amor.

Com a primeira encarava os revezes e os trabalhos sem mudar de rosto, nem perder a serenidade, julgando o mundo pelas realidades e não conforme as apparencias.

Graças ao segundo, o seu coração em vez de se endurecer com os annos, cada vez mais novo e mais puro, abria-se a todos os sentimentos nobres, palpitava com orgulho recordando as glórias historicas da patria, e sem desanimar na esperança, levantava-se do abatimento do presente, fiado nas promessas do futuro, tão crente e entusiasta, como se entrasse na epoca das illusões!

Pelo amor entendia e applicava o livro sublime do Evangelho: pelo amor, depois de Deus, queria e abraçava como irmãos e filhos a todos os afflictos e necessitados; pelo amor, finalmente, perdoava, e quasi agradecia as injurias, as injustiças, e as calumnias, accetando-as como provações, e não se lembrando de as ter padecido senão para pagar o mal, fazendo o bem.

Horacio foi o seu autor mimoso, depois de Camões e de Sá de Miranda. Familiar com os escriptores da antiguidade classica e com os modernos mais nomeados, para se avaliarem os thesouros escondidos da sua erudição e a memoria prodigiosa, que o soccorria, era preciso colhe-lo desaparecido, e deixar correr a veia natural da sua conversação espirituosa e instructiva. Então, o sorriso benevolo brincava-lhe nos cantos da bocca, as pupillas enchiam-se de luz vivissima, e a voz tomava um timbre mais alto e mais sonoro.

As citações acudiam-lhe espontaneas; os ditos agudos e as anedotas encadeavam-se; as scenas e os quadros, pintados com verdade e calor, succediam-se, e ligavam-se.

Os homens e as coisas parecia que resuscitavam, e renasciam, depois de seculos; o pó dos grandes vultos de Roma e da Grecia, os heroes de todos os tempos e de todas as nações, tomavam corpo, moviam-se, e fallavam como se elle e eu os estivessemos vendo, e ouvindo.

As cinzas de Athenas, as ruinas de Roma, os monumentos da meia idade evocados pelo poderoso encantamento d'aquella imaginação creadora, como que volviam de repente no primeiro ser, apparecendo-nos uns em todo o esplendor da belleza pagã, erguendo-se outros com a religiosa e sublime inspiração da arte christã.

Em poucos assumptos o achariam hospede; e fazia admirar, como tão longe do commercio das letras, e tão distrahido pelas suas obrigações zelosamente desempenhadas, ainda o tempo lhe chegara para seguir tão de perto, e com tão miudo exame os progressos, as vicissitudes, e as revoluções de fora.

As noites era um prazer e um exemplo vê-lo na immensa poltrona de coiro estofada, com a velha ama sentada á sua direita, e o somnolento cão do outro lado, elle cabeceando de roca á cinta e engrolando padres-nossos, elle piscando os olhos ao dono, e com as orelhas, uma fita, e a outra derrubada, grave e sisudo, medindo todos os gestos do prior, e coçando-lhe a cabeça pelo joelho, quando suppunha a occasião propicia para aventurar os seus afagos.

O hofete de pau santo e pés torneados, o candeeiro colossal de latão com tres bicos, e a anarchia e desarranjo dos livros e papeis amontoados, completavam a physiognomia do serão caseiro.

D'ahi a pouco era o vigario o unico que não dormia, e a penna principiava a ranger correndo pelo papel, ao som dos roucos assobiados da tia Brizida.

Quando já lhe descaíam as palpebras pesadas, o padre arrastava a cadeira, mettia dois dedos na argola do candeeiro, e recolhia-se ao seu quarto, acompanhado das recommendações da ama, que se desferrava do silencio, desenhando uma ladainha de conselhos sobre os perigos do fogo, sobre a falta de cuidado no abafio, e sobre mil outros casos possiveis, estafando rifões e anexins, até que a respiração alta e compassada do supposto ouvinte a convencia do effeito soporifero da sua eloquencia.

Em um d'estes serões, caindo o dialogo sobre não sei qual dos nossos reis, é que o vigario innocentemente deixou escapar o segredo litterario das suas vigílias. A curiosidade de comparar a escripta do solitario com o seu talento de contar levou-me a insistir sem attender a desculpas, nem a repugnancias, até que o obriguei a mostrar-me algumas *Lendas* e *Novellas*, das que se estampam hoje.

Oxalá que o leitor forme d'ellas o mesmo conceito! Mas não me arrependo do que disse ao autor, que tremia diante de mim, como se o meu voto valesse alguma coisa.

Não as reputei isemptas de erro, nem perfeitas; longe d'isso; porém asseverei-lhe que, se vissem a luz, seriam folheadas sem fastio.

O acanhamento do prior, e os seus escrúpulos resistiram sempre á idéa de apurar o manuscrito para a imprensa; e quando m'o entregou, poucos dias antes da sua morte, foi com a final e irrevogavel condição de nunca lhe descobrir o nome, se me atrevesse a importunar o publico (assim se expressou!) com as frivolas puerilidades de um velho.

Entre os contos, que formam a collecção, ha um, que me commoveu pela verdade e singeleza que respira a narração. Pareceu-me que atravez dos nomes suppostos, e apesar de disfarçadas algumas feições, apercebia uns lon-

ges de similhaça com pessoas vivas; e o caracter principal, apresentando muitos dos lineamentos da physiognomia do vigario, ministrou-me a chave do enigma. Não foi necessario scismar muito para o decifrar.

A circumstancia de ficar interrompido o manuscrito, como se faltasse animo para o concluir, confirmou ainda mais o meu juizo. N'aquella vida serena e evangelica, antes de reinar a paz, tambem se desenfream as paixões; e se a razão venceu por fim, não foi sem lucta.

Antes de se offerecer a Deus, e de o servir, o manco amara mais a creatura do que o Creador, e seguindo o mundo estivera a ponto de se perder com elle!

Como se consummou a conversão, e porque passos chegou de tão longe aos pés da cruz, eis o que o papel não dizia; mas o prior contava-o não se declarando nunca, e fallando sempre de si como fallaria de qualquer estranho.

Esse conto, ou antes esse capitulo d'uma historia verdadeira, fóra quasi um delicto não o juntar. Irá no lugar em que se encontrou, e do mesmo modo que foi escripto. Ha paginas em que seria impiedade tocar, a pretexto de as polir. Quando o coração chora e narra, a arte aprende, e não corrige.

L. A. REBELLO DA SILVA.

VERSOS

ESCRITOS N'UM ALBUM NA MESMA PAGINA EM QUE HAVIA DUAS FOLHAS D'UMA ARVORE. TRAZIDAS DO CAMPO EM QUE SE DEU A BATALHA DE INKERMANN.

Era a data bastante! As folhas seccas
Não podem dizer mais,
Do que os filhos de heroes, mães de valentes
Nos disseram em ais!

Era a data bastante! A Europa fita
Os olhos no porvir,
Sem deshonrar com pranto a fama honrada
Do martyr que cair!

Era a data bastante! As folhas caem
Mas fica inda de pé
O tronco annoso que algum dia o lenho
Santo, será da fé!

Era a data bastante! Um nome ás vezes
Resume gerações.
O d'Inkermann em si resume as glórias
De intrepidas acções!

Era a data bastante! As folhas ilembram
Ruinas, e não mais:
Das viúvas d'heroés não despertemos
Os doloridos ais!

L. A. PALMEIRIM.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SECULO XIX.

[Continuado do num. 26].

II

VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

Epocas brilhantes e auspiciosas se tem succedido rapidamente n'estes cincoenta e seis annos que já vão decorridos no presente seculo. Esperanças para a nação e afagadas por todos que sinceramente amaram o paiz, foram rapidos luseiros que se mostraram no horizonte para mais rapidamente de novo se sumirem na escura cerração das trevas, deixando no animo dos que os presenciaram dolorosas recordações e lastimadas saudades.

Essas epocas tiveram tambem os seus homens. Uns eclipsaram-se com ellas outros passaram successivamente a figurar nos acontecimentos subsequentes, e ora tomando uma phase nova ora dominando a situação, ora a seu turno dominados por ella, alternativamente triumphadores e victimas, tem chegado até aos nossos dias cobertos com a venerabilidade que necessariamente inspira a parte que tomaram em tão variados acontecimentos.

Uns mostraram-se gigantes elevando se á altura dos successos; outros appareceram tao minguados na estatua, tão reduzidos na reputação que se tinham grangeado, que a historia ao contemplal-os se admira do vulto dos primeiros, e pasma tambem da pequenez dos segundos: porém de todos recolhe igualmente proveitosos exemplos e uteis lições.

O primeiro quadro que rompen a scena politica do seculo actual foi triste e luctuoso. Os soldados da conquista avançaram a marchas forçadas pelo territorio que desde longas eras estava costumeado a assoberbar-se de livre, e a não reconhecer estranho jugo. Se alguma vez adormecidos os brios dos seus naturaes defensores, vergou a servis á força da astucia estrangeira, o conhecimento da propria humilhação, a lembrança das passadas glórias, a recordação das suas grandezas armou os animos resolutos, inspirou a esperança no coração dos mais ti-

bios, e galvanizando assim aquelles a quem o estranho já contava cadaveres n'esta nação, os elevou n'um arrojado supremo de patriotismo até topetarem nas nuvens, onde assentam os pedestaes dos maiores heroes da antiguidade, e não lhe encontrando ainda ahi mesmo condigna praça para tamanha heroicidade, mais alto os fez subir, para os assentar no seu verdadeiro logar!

Era porque estes homens descendiam d'aquelles que acções de tamanho vulto haviam obrado, que para dignamente serem cantados, o Eterno fez nascer um Luiz de Camões! Era porque a llyada d'esses heroes, outro não podia ter por cantor senão o principe dos poetas! Era porque as suas glórias não podiam ser traduzidas senão por aquellas strophes divinas!

Do norte ao sul do reino atravessaram aquellas hostes inimigas, soberbas e altivas pelo nome e pela fama que haviam ganho em outros paizes. Mediram os brios e o valor d'esta pequenina nação pelos acanhados brios de outras, que entregando os pulsos ás algemas da ambição, olhavam apathicas para as nodos roxeadas que ellas ahi lhe deixavam!

E enganaram se. Não lhes valeu apagarem os symbolos da nossa nacionalidade, nem transportarem para estranhos paizes a flor da nossa juventude guerreira, nem andar expatriada a nossa nobreza, nem o passar a familia real a outro hemispherio para salvar a corôa. A pequenina nação que em cada um dos seus habitantes produzia um hero, acordou um dia ao som do seu hymno nacional, e na lettra patriótica das suas strophes que lhe lembravam que pelo rei e pela patria tinham de dar seu sangue, leu a voz de Deus que os guiava á liberdade.

Então, diante das armas que empunhamos, o conquistador fugiu; porém fugiu batendo-se com valor, reunindo maiores forças para voltar de novo a assoberbar-nos, sentindo quebrar-se-lhe aqui a fama e o prestigio das suas victorias, dando nos occasiões para levantarmos desde o ponto mais extremo do nosso paiz até á capital da mesma França os guerreiros obeliscos que não de transmittir ás gerações futuras os vestigios da nossa marcha triumphal.

Foi esta a grande epoca das nossas glórias militares que pasmaram a Europa. Seguiu-se-lhe a quadra das nossas liberdades civis.

Foros de livre gosara a nação desde a sua existencia — tão livre qual outra as não tivera n'aquellas epocas em que a espada do rei conquistador ia delimitando, á custa do mauritano territorio, as fronteiras do seu novo reino. O elemento popular entrava nos comicios que tinham de decidir as grandes questões nacionaes; e esse elemento, baseado no municipal, era bem preponderante n'aquellas epocas. Causas que não são agora para relatar aqui, haviam como que escravizado este paiz, enfeudando-o ao elemento monarchico, e pouco a pouco o poder absoluto foi substituindo o governo dos livres. As idéas do seculo estavam em contradicção com este poder usurpador, e ás novas idéas vinha prestar um poderoso vigor o misero estado do reino, que via o seu rei ainda ausente na colonia aonde fóra salvar a corôa, e os empregos, e o mando entregue aqui nas mãos d'aquelles a quem ajudamos a libertar a Europa, e deramos o exemplo do denodo e da coragem.

O paiz meditou n'este estado, e procurou remedial-o. Surgiu então a gloriosa revolução que foi a aurora da liberdade politica. Saudou-a a nação como o iris esperançoso que annuncia o fim da procella. Abraçaram-a todos como o preso abraça com enthusiasmo aquelle que o vem libertar. Veneravam-se os heroes que lhe deram impulso, como veneravam os antigos povos os seus heroes e semideuses, que se haviam distinguido em beneficios á patria.

Foi epoca de crenças generosas, de aspirações sublimes que prestes se somiram no pelago da indifferença ou da descrença. A ambição desnorteou uns; a intrigra desvairou outros; o muito querer perdeu a todos. Não houve a prudencia necessaria para guiar os primeiros passos da liberdade ainda na infancia; por tanto correu á solta tropeçando a todos os momentos, levantando-se a custo para de novo ir dar mais precipitada queda; e de desastre em desastre, foi caminhando até finar-se nos campos de Villa Franca, só lastimada de poucos que verdadeiramente a tinham comprehendido, mas que se achavam sem forças para salva-la.

A historia inscreveu na lapida sepulchral d'esta revolução de 1820, sómente uma palavra para attestar ás gerações futuras o grande vicio d'aquella epoca; porém essa palavra — ambição — diz bastante. Ambição de liberdade, quando ainda não estavamos bem preparados para a gosar; ambição de reformas, quando se deviam ir preparando a pouco e pouco, para se alcançarem depois seguras e radicaes; ambição de fallar, para ganhar fama de eloquente em o novo parlamento, quando a maior virtude da quadra era necessariamente bem saber calar para não assustar tantos interesses individuaes: ambição de poder, que não deixava esperar!

O governo que se lhe seguiu foi um governo timorato, que se precipitou cegamente no caminho da reacção, não sabendo ser contemporizador, e assustado sempre de tudo, até mesmo da propria sombra. Não teve por tanto energia senão para o que devia ter contemporisação, e resvalando pela escarpada senda por onde o impelliram homens menos proprios a dominar aquella situação, foi cair em o nada das grandezas humanas encerrando-se no tumulo de

um monarcha bondoso, porém de certo o menos talhado para uma quadra tão revolta.

De oscillação em oscillação, foi continuando a machina governativa deixando a todos incertos da direcção que seguiria, ora clareando no horizonte a esperança de uma regradada liberdade, ora escurecendo o espaço a negra nuvem de um governo pessoal. Por fim este foi o que venceu. Se acaso ainda houvesse prudencia, não seriam de certo os males tanto de sentir. Não a houve. Os animos desencadearam-se furibundos uns contra outros, como se fossem de inimigas raças, e parece que a vertigem, ganhando a todos, a todos arrastava para a voragem que os tinha de sumir. A mão do Omnipotente, encerrando esta quadra vertiginosa, poz-lhe o sello, em que se havia gravado a phrase: *perjurio e traição!* por que grande parte dos homens que n'ella figuraram não se eximiram dos seus tristes effeitos.

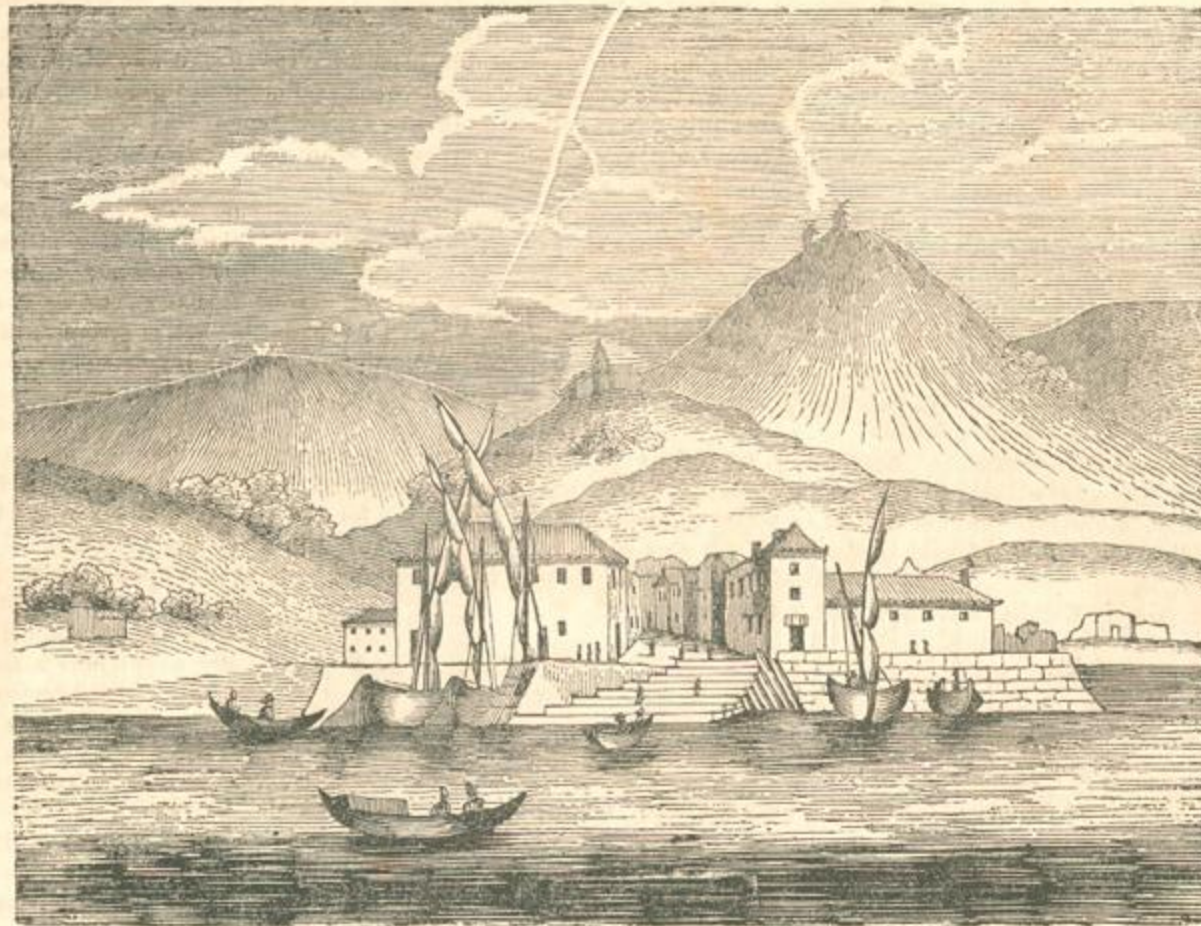
Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A DESARBORISAÇÃO E OS CLIMAS.

As inundações devastadoras que no semestre que está a findar tem causado avultados prejuizos em muitos departamentos de França, na Saboya e n'outros paizes atrahiram novamente a attenção publica para a questão, sempre tão debatida, sobre a influencia do corte e dissipação das mattas e florestas na abundancia das chuvas e na temperatura dos paizes despovoados de arvoredo por aquelle motivo.

São raros os esclarecimentos positivos acerca d'este ponto importante da historia do globo; e por isso foi ha pouco recebida com interesse uma exposição de factos, ou para melhor dizer uma discussão n'este assumpto, apresentada no relatorio de mr. Becquerel á Academia das Sciencias de Paris acerca dos grandes trabalhos meteorologicos praticados por mr. Tchihatchef na Asia Menor. Este cavalheiro é um nobre russo da primeira jerarquia que tem dedicado o seu tempo, diligencia pessoal, e fazenda ao adiantamento das sciencias; abandonou seus lares, amigos e familia, por espaço de annos e correndo muitos perigos, afim de colligir observações meteorolo-



Villa Franca de Xira.

gicas nos desertos da Asia Menor e até nas serranias da America. M. Tchihatchef, em resultado das suas longas investigações e fadigas, apresentou á Academia das Sciencias uma obra manuscrita, intitulada *Estudos climatologicos sobre a Asia Menor*, paiz que até agora era quasi desconhecido dos physicos. Do citado relatorio de mr. Becquerel tomamos alguns trechos interessantes na parte que respeita á relação dos arvoredos com o clima e a fertilidade do solo.

A Asia Menor carece hoje de grandes florestas; ali se encontram vastas extensões de terreno desprovidas de toda a vegetação arborea e até de arbustos. Occorre logo indagar se foi sempre assim; mas, numerosos testemunhos de autores antigos provam que essa região era outr'ora muito mais arborizada do que ao presente. Os progressos da civilisação e as guerras foram causa da destruição dos bosques desde o Ganges até o Euphrates, e d'este rio até o Mediterraneo, na extensão de mais de mil leguas.

Assoladas essas regiões por tres mil annos de combates, Ninive e Babilonia tão celebres pela sua adiantada civilisação e Palmyra e Balbec pela sua magnificencia agora só offerecem aos viajantes ruinas em meio de desertos onde se encontram apenas mui dispersos os vestigios da opulenta vegetação de que fallam os antigos. Por outra parte o littoral do norte do mar Negro em tempo de Herodoto era coberto de florestas, que actualmente não existem.

Mr. Tchihatchef pensa que a destruição de todas essas mattas exercitou grande influencia no clima da Asia Menor, abaixando a media da temperatura do verão e elevando a do inverno; apoia a sua opinião n'este ponto em muitas passagens de Theophrasto, onde este philosopho menciona certos vegetaes que n'esses tempos remotos a falta de calor não deixava crescer ali, e que hoje se dão perfeitamente.

Exprimindo assim as suas idéas quanto á influencia do despovoamento ou aniquilação de grandes extensões de mattas sobre a temperatura, o observador corta uma difficuldade que ainda é materia de discussão, a respeito da qual não concordam os mais abalissados engenhos.

No gremio da commissão nomeada em 1836 para examinar se devia ser ou não ser revisto o art. 219 do codigo florestal, Arago e Gay-Lussac emittiram opiniões muito oppostas.

Mr. Arago pensava d'esta maneira: — «Se derrubassem uma cortina de bosques na costa maritima da Normandia ou da Bretanha (dizia o celebre astronomo), essas duas regiões tornar-se-hiam accessiveis aos ventos de oeste, aos ventos temperados procedentes do mar: d'ahi uma diminuição no frio dos invernos: mas, se uma floresta em tudo igual fosse arroteada na costa oriental da França, o vento glacial de lesteahi se propagaria mais fortemente e os invernos se tornariam mais rigorosos. A destruição d'um resguardo ou cortina de mattas teria, pois, produzido, n'uma e na outra parte, effeitos diametralmente oppostos.»

Gay-Lussac fallava de outro modo. — «Na minha opinião (dizia o illustre physico) não se tem obtido até agora prova alguma positiva de que os bosques tenham, por



Modas.

si mesmo, influencia real no clima de uma grande região ou d'uma localidade particular. Examinando de perto os efeitos da desarborização achar-se-hia talvez que longe de ser um mal é um benefício; mas, estas questões são de tal modo complicadas quando se consideram sob o aspecto climatológico que a sua solução é difficilissima, por não dizer impossivel.» —

Por outro lado, segundo mr. de Humboldt, as florestas obram sobre o clima d'uma região como causa frigorifica, como abrigo contra os ventos, e como conservadoras das correntes de agua.

Em summa, não está perfeitamente demonstrado que o despoamento das mattas n'uma grande extensão de paiz tenha em resultado elevar a sua temperatura media; porém, um grande numero de observações tendem a persuadir que assim é. Podem citar-se em apoio d'esta opinião, as observações meteorologicas de Jefferson na Virginia e Pensylvania, e as muito mais recentes feitas por mrs de Humboldt, Boussingault, Hall, Rivière, e Roulin, debaixo dos tropicos desde o nivel do mar até ás alturas onde se encontram climas temperados, e climas polares. Estes ultimos observadores reconheceram que a abundancia das mattas e a humidade resultante das mesmas tendem a resfriar o clima; e que a secura e aridez produzem o effeito contrario. Poderia, comtudo, dar-se que ficando a temperatura media a mesma, a repartição do calor em todo o decurso do anno se alterasse; e n'esse caso o clima ter-se-hia tamsómente modificado. Repetimos, porém, que ainda não se sabe coisa bem fixa e certa a respeito da influencia da desarborização sobre a temperatura nas regiões situadas fora dos tropicos.

Comtudo, não pode ser contestada a influencia dos

abrigos; grande numero de factos assim o provam, e basta-nos citar só um. Nas lagoas Pontinas (estados romanos) um bosque interposto na passagem de uma corrente de ar humido, carregado de miasmas pestilentos, preserva as porções de terreno que lhe ficam na retaguarda, ao passo que as que são descobertas e desabrigadas permanecem expostas ás doencas. Parece, pois, que as arvores joeiram ou peneiram o ar inficionado tirando-lhe os miasmas que transporta.

Em segundo lugar, mr. Tchihatchef affirma que o despoamento d'arvoredo teve por effeito, na Asia Menor, desinvolver charcos e pantanos, cuja extensão consideravel é um dos caracteres distinctivos do aspecto d'aquella região. O sabio investigador russo cita n'este ponto irrefragaveis testemunhos de autores antigos, comprovativos de que no seu tempo os paúes que infectam a Asia Menor não eram tantos nem occupavam tamanha superficie: por exemplo, esses autores não mencionam as sezões e outras febres proprias dos terrenos encharcados, molestias que actualmente tornaram inhabitaveis aquellas comarcas

outr'ora cobertas de cidades florescentes. Além d'isso a opinião de mr. Tchihatchef quanto á geração de pantanos em consequencia de grandes despoamentos de arvoredo acha-se confirmada por numerosos factos produzidos por mr. Becquerel. Effectivamente, se fór derrubado e arroteado a subsolo impermeavel um bosque ou matta e sem cultivação do terreno, este não offerece facil accesso ás aguas pluviaes, que não podendo infiltrar-se ficam estagnadas nas baixas; o paiz vae-se fazendo paludoso e insalubre, e os habitantes são victimas das febres. Assim aconteceu na Solagne, na Brenne, em Dombé, em Bresse etc. por consequen-

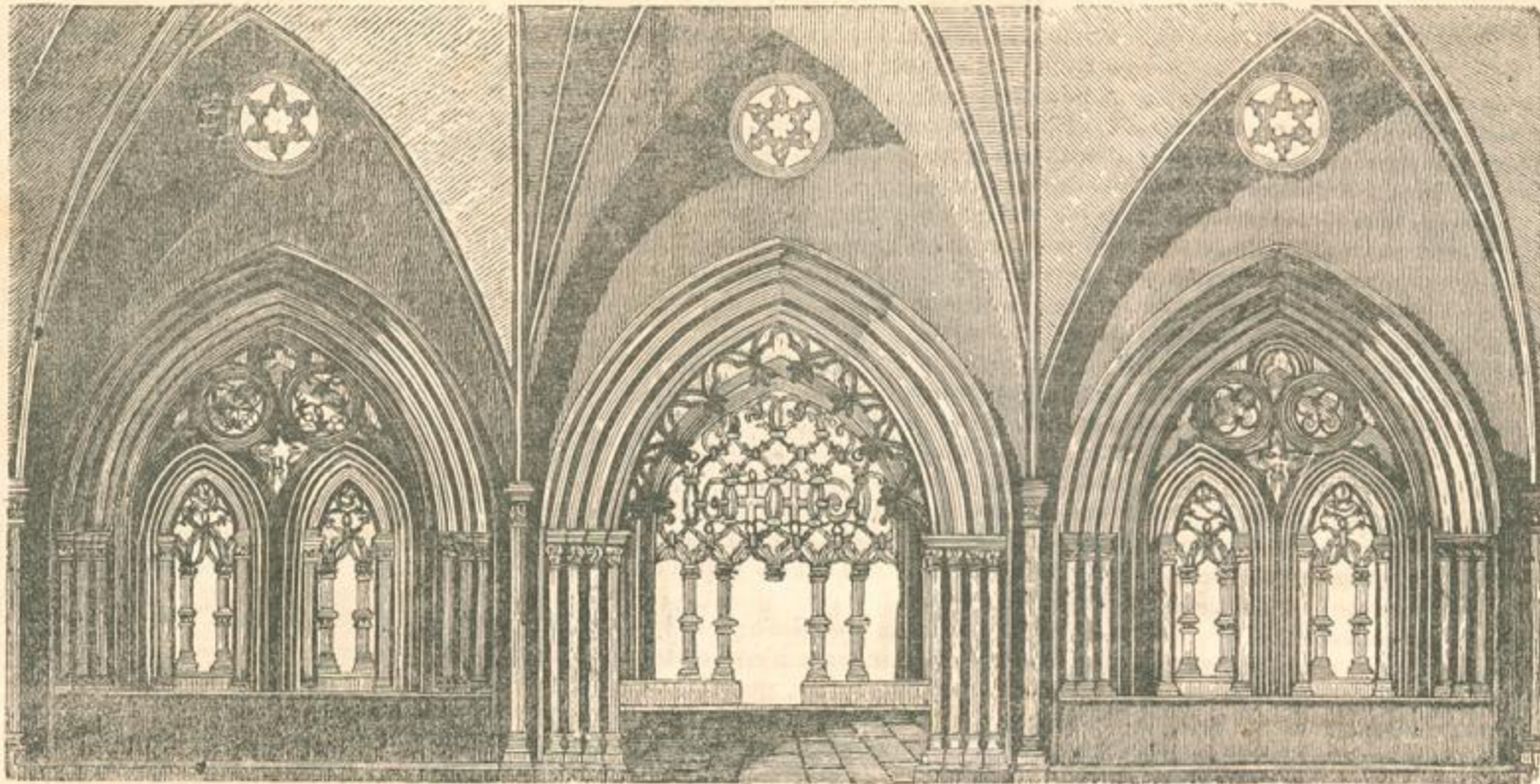
cia de grande destruição de florestas. Documentos authenticos provam que ha mil annos a Brenne era coberta de selvas, entrecortadas por veigas que regavam aguas puras e correntes, e foi assim afamada pela fertilidade dos pastos e suavidade do clima; agora é inteiramente o contrario, é um districto alagadiço, inhospito e doentio. Outros exemplos omittimos por brevidade, e todos provam o fundamento com que a opinião mais geral e mais rasoavel favorece a existencia e conservação dos arvoredos.

M.

A EGREJA DO SALVADOR.

A nossa estampa representa a egreja do Salvador em Beja. Este templo é de pequenas dimensões; e se olharmos ao serviço que actualmente tem, é de certo limitadissimo. Acha-se ali estabelecida a cathedral.

Mas em vista da sua architectura, que, sem ser magnifica, tem elegancia, pode julgar-se um dos edificios mais notaveis d'aquella cidade.



Casa do capitulo no convento da Batalha.



O sultão no baile.

A CAIXA DO DOUTOR.

(CONTINUAÇÃO DE UM CONTO DE HOFFMANN.)

Poucos mezes depois da tua partida para Lisboa, a morte de minha mãe deixou-me ao desamparo. Comsigo levava para a sepultura o meu ultimo apoio e recursos, sendo, como foi, tão despendiosa a sua doença, principalmente para nós, que já eramos bem pouco abastadas.

Valeram-me n'esta conjunctura as minhas boas visinhas, e de algum trabalho de costura, que me davam a fazer, tirava o meu sustento e vestuario.

— Porque me não escreveste então, lhe perguntei interrompendo-a?

— Para que, proseguiu ella, para te amofinar debalde? Bem sabia que tambem não eras rico, bem sabia que a tua mesada mal te chegava, e dividida não podia aproveitar a nenhum de nós. E depois, Fernando, queres que te confesse? Lembrou-me escrever-te por vezes a este respeito; mas tive vergonha: parecia-me que era abusar do teu amor, e especular com as tuas promessas... Bem sei que fiz mal, que fui injusta para contigo... Mas que queres, não foi este o erro menor que commetti.

Depois não era de todo infeliz; vivia só, precisava trabalhar para viver, é verdade; porém com bem pouco me contentava e tinha-me costumado a cercar as minhas exigencias; de mais, estava na minha casa, via em roda de mim, em cada traste um amigo, e n'aquelles moveis todos como uma especie de familia destinada a supprir a que o Senhor me tinha levado.

Não prendia a cada um d'elles uma recordação de infancia, uma saudade de minha mãe, ou uma lembrança de meu pae!... Não via pela janella aquelle bello horizonte da nossa aldêa, tão cortado de bosques e vinhedos! E por entre elles não me despedia do sol ao cair do dia, ou deparava com a lua e as estrellas, que eram como amigos velhos, que pareciam olhar-me com bondade, e como sorrir-me lá de cima!

Olha, Fernando, de noite quantas vezes me não parecia que minha mãe me estava vendo do ceo e que n'uma estrella cadente me mandara um raio de amizade e um sorriso de protecção! Outras vezes, parecia-me ouvir, no piar das aves nocturnas, como uma supplica dos finados, que estimara; e abrindo o oratorio ia resar áquella minha Nossa Senhora, tão boa, tão piedosa, e parecia-me escutar então, em quanto resava, a voz de minha mãe a agradecer-me...

Mas agora... já não vejo minha mãe nas estrellas, já não ouço a sua voz, e nem me atrevo a resar. Tenho vergonha dos Santos, elles sabem tudo!

E desatou a chorar como uma perdida. Pobre creança, quanto devia de soffrer! Eu animei-a como pude, e ella proseguiu na sua narração:

Assim se iam passando os mezes, e eu sempre vivendo da mesma forma, não tendo alteração na minha vida, nem tendo outra coisa que lhe cortasse a monotonia senão as tuas cartas. Uma tarde porém senti maior agitação na aldêa, e toda a gente pelas ruas conversando, altercando, e como receosa do que quer que era que estava para chegar á terra. De vez em quando mandavam as creanças ao fim do logar, e perguntavam-lhe na volta se viam alguma coisa.

Tambem perguntei o que era, e vim a saber que se esperava tropa por causa das guerras; e segundo se desconfiava, uma força grande devia de ficar na nossa aldêa. Effectivamente momentos depois ouvi rufar tambores e vi desfilar um batalhão, que vinha para ali aquartellar-se.

Nunca tinha visto tanto soldado junto, e nem eu sei porque estremei de susto e toda a noite não dormi com medo. Era manhã; começava a nascer o sol, quando abri a janella para ver se espalhava os sustos da vespera. Deparei com um official de frente a olhar para mim; voltaram-me os reccios todos passados, dei um grito e fechei a janella precipitadamente. Corri tremendo ao oratorio, e comeci a resar e a implorar a Virgem com um fervor tal, como até então nunca sentira. Ah Fernando, era a voz do coração, que não mente, e que me prophetisava o futuro.

Horas depois caía em mim, e accusava os meus terrores de loucura; lembrava-me que os militares eram homens como os outros, e ao attentar bem n'isto, até me parecia que eram mais bellos, e o seu uniforme mais brilhante do que o traje vulgar. Fui para me assocegar á janella e tornei a ver o mesmo militar, que me apparecera de manhã.

Estava triste, parecia afflicto e amargurado, causou-me dó, retribui os seus cumprimentos, e tive pena de o ver partir. Foi assim, que as nossas relações se travaram; d'aqui tambem nasceu a minha infelicidade toda.

Continuou a apparecer-me todos os dias, e pouco a pouco começámos a estreitar a nossa convivencia conversando largas horas. Fallei-lhe de ti, declarou-me conhecer-te, e pintou-te com as côres mais negras que pôde encontrar.

Volúvel, devasso, e jogador, eras tido em Lisboa como o typo da extravagancia. Todos te despresavam, e todos os paes prohibiam a seus filhos a tua convivencia. Não se dava o mesmo porém com mulheres, porque, segundo dizia, eras feliz em conquistas, e até, quando tinha partido da cidade, se fallava n'uma fidalga de antiga linhagem,

que te protegia, e com quem estavas relacionado intimamente.

— Que infamia! lhe disse, sem me poder conter. Fernando, tão bom, tão apaixonado, enganar-me assim! Não o creio... O sr. está enganado; ou esse não é o meu Fernando. Será outro, devem haver mais do mesmo nome...

Elle então respondeu-me, como quem lhe custava semelhante narração, que oxalá que se tivesse enganado, mas que me dizia a verdade pura. Deu-me os teus signaes, fez-me o teu retrato, e tão sincero me parecia e tão penalizado ao mesmo tempo, que lhe dei credito. Dias depois uma carta tua veio confirmar o que me tinha dito, e as que se lhe seguiram, mais depozeram ainda no meu animo contra ti.

N'este ponto da narração interrompi o doutor para lhe perguntar como se explicava esta apparente contradicção?

Essa mesma pergunta lhe fiz eu, disse-me elle, e Maria apresentou-me cartas, que, pela lettra, me pareceram minhas, e nas quaes, semelhantes ás que um homem entregue a outros amores deveria escrever, se passava gradualmente da indifferença ao esquecimento, e d'este ao despreso.

Era tudo artificio e obra d'aquelle infame. Mal chegou á aldêa, tratou de indagar n'essa mesma noite e na estalagem onde devia pernoitar, que raparigas havia n'aquelles sitios, e quaes as que não tinham namoro. Contaram-lhe Maria n'este numero, dizendo-lhe ao mesmo tempo que o seu apaixonado estava em Lisboa; mas que ella vivia muito recatada, de forma que não havia nada que se lhe dizer.

Um pouco esquentado pela conversa e pelo vinho, prometteu seduzil-a. Tomou informações a meu respeito; deram-lhe os meus signaes, contaram-lhe a minha vida, e sobre estes dados começou a tramar a intriga, que tão bom resultado lhe sortiu.

— E as cartas, como as arranjou?

— Da mesma forma que o mais.

N'aquelles tempos revoltos o serviço do correio era irregularissimo. Aproveitando-se d'estas circumstancias favoraveis, roubava ou seduzia o homem que as trazia, e com habilidade rara, imitando a minha lettra, com tal perfeição que quasi me illudiu, inventava e redigia o que mais bem lhe quadrava. Quando substitua as minhas cartas, tirava as de Maria tambem, e servindo-se do mesmo systema, correspondia-se comigo pelo modo que já lhe contei. Eu estranhava as cartas, como ha pouco lhe disse, se bem se lembra; mas a verdade, essa é que eu não podia suspeitar nunca.

Agora comprehendendo, doutor, peço-lhe que prosiga na historia de Maria. E elle continuou, repetindo as palavras da sua namorada.

A vista das tuas cartas já não tinha que duvidar. Tu abandonavas-me e eu era a mais desgraçada das mulheres. Elle consolava-me então; lembrava-me que loucura não era consumir-me por um ingrato; e em vez do teu amor profanado e mentido, fallava-me de um outro infeliz e sem esperanza, mas dedicado e fiel.

Pouco a pouco fui acreditando no que dizia. Parecia-me tão desditoso, a sua paixão era tão ardente, até por vezes chegava a chorar. O perverso sabia que as lagrimas são bem poderosas para um coração de mulher e tinha-lhe recorrido como ao melhor meio.

Assim iam os dias, e eu já me não queria onde elle não estava; já, e para que o heide negar? esquecia-me de ti para me lembrar d'elle: mas uma noite!... Oh Fernando, perdoa-me, fui bem castigada!

Eu chorava tanto como a pobre creança, nem alma tinha para lhe pedir que continuasse: até que por fim proseguiu, não sem se interromper de momento a momento com os soluços, que lhe cortavam a voz.

D'essa noite em diante comeci a sentir esfriar-se-lhe a paixão, esmorecer-lhe o amor. Accusava-o, e elle respondia-me com asperza, e eu sem outro remedio, nem outro allivio, chorava de dia e de noite. Uma vez fui abrir o oratorio, e procurei resar, mas a janella estava aberta, não sei como, uma ave negra, que entrou de fora, correndo ás luzes, apagou-as com um motim horroroso. Cai no chão sem sentidos. Era dia claro quando tornei a mim; as portas do oratorio estavam fechadas. Percebi-me castigado do ceo. Desde esse momento nunca mais tive forças para resar.

Acabava a guerra e o regimento d'elle tinha de partir para Lisboa: queria-me deixar, promettendo escrever-me, e casar comigo, logo que chegasse a capitão, posto que, segundo dizia, era preciso ter para conseguir a conveniente licença do commandante. Á força de lagrimas e de supplicas obtive d'elle que me levasse comsigo mas contra sua vontade, e ficando ainda mais zangado e enraivecido.

Em Lisboa, era impossivel estarmos juntos, porque era obrigado a ficar no quartel e só a casados deixavam ter casa á parte. Como a culpa era minha resignei-me, e elle disse-me que visto não poder ter duas casas me levava para a companhia de uma parenta sua.

E sabes quem era essa parenta, Fernando? — Uma d'essas mulheres vis, que se alimentam com a honra das creanças e das mulheres; era... a desgraça, a infamia, que elle me tinha procurado, para mim a quem enganara vilmente, e que estava em vesperas de ser mãe, e mãe de um filho seu.

Não te descrevo, porque não posso, tudo o que soffri

n'aquella casa: que aviltamentos, que affrontas, que amarguras! Só um momento de felicidade tive n'esse tempo todo: foi quando percebi que meu filho estava morto, e que ao menos elle não teria que amaldiçoar sua mãe, nem soffrer as consequências do seu nascimento.

Não sei porque feliz acaso um bom velho desceu áquelle inferno, senão para me salvar, ao menos para minorar o meu soffrimento. Viu-me, reconheceu logo que estava ali bem contra vontade, e apiedando-se de mim, resolveu-se a tirar-me d'aquelle inferno. Era um logar de filha que me offercia, e que eu agradei abençoando-o do intimo d'alma. Vivia isolado, precisava da companhia de uma mulher, ue lhe estivesse presa por outros laços, que não os da criada para o amo, e suppoz que eu lhe conviria e que lhe seria grata pelo grande favor que d'elle recebera.

Não menti ás suas esperanças; e tambem desde esse momento tenho encontrado um pae carinhoso e um amigo estremeado; todos os cuidados, que se poderiam exigir, a maior sollicitude, delicadeza extrema até em afastar quaesquer objectos que me possam recordar o meu viver antigo, tudo isso tenho recebido, sem eu saber porque, sem que mesmo supponha merecel-o.

Hontem disse-lhe que te vira; elle, que já sabia tudo, consentiu n'este encontro e permitiu-me alguns mais, que porventura tenham logar, se não fôr despresada de todo por ti.

Despresar-te, Maria, tu que foste illudida, enganada? Não: foi a fatalidade, ou antes foi elle, e elle hade ser quem pague tudo, lhe disse quando ella acabou a sua narração, diz-me o seu nome.

Para que? me respondeu, para o desafiosares, tu que és honrado e bom, tu que és generoso e honesto? Queres porventura ir com armas de cavalheiro e de honra reptar um homem, que nunca foi cavalheiro nem soube o que era honra?

Não, Fernando, e has de jurar-m'o: sob essa condição só, é que te digo o seu nome; onde quer que o encontres, onde quer que o vejas, desvia-te d'elle como d'um animal peçonhento, mas nunca procures desaffrontas que só podem ter logar entre homens de bem.

Deixa-me a vingança, eu encarreguei-me d'ella e não hade perder por esperar. Juras? — Assim o fiz, e soube, o que já suspeitava, o nome d'aquelle officioso amigo, em quem lhe fallei já e que me acompanhava sempre.

Entre recordações e saudades se passou esta e outras entrevistas que tivemos. Eu tinha concebido um projecto: era louco, proprio de uma cabeça de creança; mas queria realisar-o a todo o transe, e os meios, que puz em pratica para o levar ao cabo, iam-me perdendo de todo.

Sabia que se jogava em Lisboa, mas nunca frequentara semelhantes casas. Ouvi fallar em fortunas colossaes ganhas por este modo, mas nunca me tinham tentado semelhantes meios. To-javia o desejo immenso de tornar a possuir Maria, de levá-la comigo para bem longe d'uma terra, que tinha testemunhado a sua vergonha, a vontade immensa de obter o dinheiro necessario para este fim, me levaram a uma d'essas casas.

Inutil é dizer lhe que nem uma palavra dos meus planos tinha communicado a Maria, e nas amudadas vezes que nos viamos nem em semelhante coisa lhe tinha tocado.

Entrei n'um mundo novo, ao pôr os pés n'uma casa de jogo. Era uma sociedade á parte dentro d'outra, que já conhecia, e que, como as aves de mau agoiro, só vivia de noite. E assim é. O jogador de profissão, como o saltador, prefere as trevas á claridade, a luz das lampadas á do sol.

Mas, coisa incrível, estes são perseguidos, monteados, processados; os outros, tanto ou mais perigosos ainda, são bem recebidos na sociedade, frequentam as melhores companhias, e são indirectamente protegidos pelas autoridades, que fecham os olhos a semelhantes abusos e nem por momentos sonham em applicar-lhes os rigores da lei.

Uma ou outra pesquisa se faz de vez em quando; mas, como em todas as coisas, a algada policial estende-se sómente ás casas de menor importancia e passa fingindo não as conhecer pelas portas d'aquellas onde se decidem fortunas e futuros de muitas familias.

Uma vez perguntei a um dos mais assíduos frequentadores qual era a causa de semelhante esquecimento, pois como tal o suppunha, e elle sorrindo-se respondeu-me, apontando para alguns jogadores, que ali encontrava quasi todas as noites:

— Acolá estão as autoridades a quem semelhante commissão incumbe. Aqui tem a resposta á sua pergunta.

Comprehendi immediatamente, e nunca mais estranhei uma coisa, que agora via ser bem natural.

Continua

R. PAGANINO.

PETRIFICAÇÃO ANIMAL.

No reino de Cochinchina corre um rio pela provincia de Quang-binh, que passando pela cidade de Muoi-Ko toma d'ella o nome e vai desembocar no porto Sai, distante d'aquella cidade quatro leguas para o norte, ficando o tal porto quasi em dezoito graus de latitude boreal e por conseguinte pouco distante dos confins do reino de Tonkin. Quasi no meio d'aquella distancia se alarga o rio, formando um pequeno lago ou enseada, na qual o fundo

é de lodo, a agua salgada, e ambas as margens do rio são cultivadas e habitadas. N'este sitio e na altura de oito pés ou pouco mais se acha sempre desde alguns seculos até ao presente grande numero de caranguejos petrificados uns na superficie e outros pouco encravados no lodo, dos quaes eu tenho a honra de offerecer alguns ao sabio exame da real Academia, que comigo trouxe da mesma paragem onde se transformam.

Pertencem estes ao quadragésimo genero do *systema lapidum* do celeberrimo Linneu, em que constituem a primeira especie com o nome de *entemolithus cancri*, petrificado de caranguejo. Dos quatro modos em que segundo Linneu se observa a petrificação, é a que se diz *transsubstanciação* o modo mais proprio e adequado; e este é o que se pratica no nosso *entemolithus*, no qual o corpo e natureza de caranguejo se muda e transforma no corpo e natureza de pedra. Esta pedra é densa, homogenea, pesada, e dura em uns mais que outros ou seja pelo maior ou menor influxo do agente, que em diversas occasiões os transformou, ou, como julgo mais certo, por ter perseverado mais tempo o tal influxo. Por fora conservam não sómente a forma de caranguejo, mas muitas vezes a cor propria da sua casca ou concha natural, e por dentro tem todos a cor escura de ferro: muitas vezes se acham incrustados e pegados uns aos outros com o lodo, que ao mesmo tempo se converteu em pedra menos escura e menos dura.

Estes petrificados nem se acham nas entranhas da terra, nem nas praias do mar, nem na extensão de todo aquelle rio mais que sómente na pequena superficie de uma milha á flor da terra, e debaixo da agua, e isto perennemente por alguns seculos sem notavel diminuição por mais que os pescadores os tirem para terra; logo é indubitavel que ali mesmo successivamente se formam e não são levados para ali de outra parte por alguma revolução extraordinaria do globo terrestre. Tambem é indubitavel que isto não succede por virtude alguma lapidifica das aguas d'aquelle rio, que os transforma, pois sendo elle assaz extenso em nenhuma outra paragem se acham caranguejos de pedra, mas sim muitos caranguejos vivos, que pescam e comem os habitantes.

D'aqui se infere e conhece claramente que a violencia, que tira a vida e transforma em pedra aquelles viventes, está no lodo e no fundo d'aquelle pequeno espaço de rio, onde se acham sem cavar a terra; e tendo elles ali chegado vivos, quanto sobem do mar ou descem com a corrente para o mar, ficam n'aquelle sitio entorpecidos e duros como é a pedra em cuja substancia se transformam. Esta acção e mudança não é instantanea, pois se acham alguns ainda mais endurecidos e petrificados que outros, o que parece ser em razão do mais ou menos tempo, em que ficaram expostos ao mortal influxo, que lhes destruiu a propria natureza depois de lhes tirar a vida.

Os naturaes da terra pertendem que a transformação se faça n'aquelle tempo do anno em que os caranguejos mudam a casca, pois é certo que a mudam assim como as serpentes mudam a pelle; porém ainda que n'este estado se acham mais dispostos para receber quaesquer influencias externas, contudo não se pode affirmar isto geralmente de todos; por quanto, na maior parte d'elles, depois de mudados em pedra, se distingue ainda claramente a casca, ou concha que os vestia, quando n'elles se effectuou aquella mudança.

Para de algum modo percebermos o como se faz a tal transformação, é necessario advertirmos com o celebre chimico e medico Boerhaave, que assim o composto animal como o de pedra tem por base e fundamento o mesmo elemento da terra, e que os corpos que tem este mesmo principio facilmente se transmudam uns em outros. Todo o corpo animal, além da terra, é composto de grande quantidade de partes oleosas e volateis, que se não acham na terra simples nem nas pedras; pelo que em se exhalando as taes particulas oleosas e volateis, e restando sómente as fixas, fica logo o corpo animal reduzido a terra, como succede quotidianamente aos cadaveres sepultados.

Assim, os caranguejos, a que os vapores d'aquelle sitio petrificante tiraram a vida, ficando logo cobertos ou estendidos no lodo perdem naturalmente com o tempo as partes mais subteis e volateis, proprias do animal, permanecendo as fixas e terreas, e ajuntando-se a estas as exhalacoes metalicas, principalmente de ferro e chumbo, de que ha minas n'aquelle provincia, ficam mais condensadas, mais pesadas, e mais duras que a mesma terra; que estas são as propriedades das pedras metalicas, e estas mesmas são as das pedras de caranguejo. Tambem é mui provavel que as mesmas exhalacoes metalicas fossem a causa de os caranguejos ficarem n'aquelle sitio entorpecidos e mortos, como tem succedido muitas vezes a alguns homens que trabalhavam em minas. Aos que trabalhavam nas de ouro em Cochinchina se lhes endurece muitas vezes o ventre de tal sorte que parece principio de petrificação, de que muitos morrem: porém, não é possível examinar-se com certeza pela anatomia, porquanto n'aquellas terras tem por impiedade execranda o abrir um corpo humano depois de morto.

Dos petrificados de caranguejos, que se descrevem nas Actas Helveticas, tomo 3.º, se diz que se não sabe de que parte do mundo vieram para a Europa; mas, que pela similitude que tem com os que descrevem Rumphio e outros se julga que vieram da China, Japão, ou da Costa

de Coromandel. Eu que vivi 46 annos n'aquellas terras (excepto o Japao) nunca lá vi, ou ouvi dizer, que se formasse a tal petrificação. Por muitas partes da India correm elles com o nome de caranguejos de Hainão, que é uma ilha assaz grande do imperio da China, cujo lado austral fica quasi na mesma latitude em que está situado o porto Sã da Cochinchina, aonde se transformam os caranguejos; porém, eu fallando com varias pessoas, que assistiram na ilha de Hainão, n-nhuma me pôde certificar que na dita ilha se faça a tal petrificação.

Eu tenho fundamento para julgar que a maior parte dos caranguejos petrificados, ou talvez todos os que se acham espathados por diversos reinos da Asia e tambem da Europa, tem a sua origem n'aquelle lago do rio de Muoi-Ko de Cochinchina; porquanto tenho visto que assim os navios da China como os europeus os compram ali em grande quantidade e por baixo preço, e depois os exportam para a China e outras partes, aonde se servem d'elles na medicina.—Padre João de Loureiro.

OS MEUS SONHOS.

I

Como era bello esse tempo
De tão doces illusões,
De tardes bellas, amenas,
De noites sempre serenas,
De estrellas vivas e puras;
Quadra de riso e de flores
Em que eu sonhava venturas,
Em que eu cuidava de amores!

Ah! minha infancia saudosa,
Que me mostravas á mente
N'esse viver innocente,
Tão verdejante e florida
A longa estrada da vida
Que é toda, toda escabrosa!
E eu, inexperta creança,
Que tinha fé no porvir
Por ver o mar em bonança
E minha mae a sorrir!...
E julguei que era verdade!
E acreditava nos sonhos
Feiticeiros e risinhos!...

Illusões da mocidade
Cheias de terna magia,
Nascem doiradas e bellas
Como o fulgor das estrellas...
E morrem no mesmo dia!...

II

Sonhei que o mundo era um prado
Lindo, lindo, matisado
Das flores do meu jardim;
Sonhei a vida uma estrada
De gosos entrelaçada,
De gosos que não tem fim.

Esses sonhos de magia
Creei os na phantasia
Á meiga luz do luar,
E quando conta segredos
Na rama dos arvoredos
A brisa que beija o mar.

Sonhei-os assim brilhantes
N'aquelles doces instantes
De silencio e de oração;
Quando as estrellas seduzem,
Quando os labios traduzem
As vozes do coração.

Sobre o peito reclinada
Eu tinha a fronte inspirada
D'uma formosa mulher,
E fraco um raio da lua
Beijando-lhe a face nua
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena
Um rosto como o de Helena
Nunca, nunca illuminou;
E nunca ouvirei na vida
Voz mais terna e mais sentida
Dizer-me:—sou tua, sou!

N'uma noite mui fagueira,
Como visão prasenteira,
Por entre beijos de amor
Eu vi surgir uma estrella
Linda, linda, muito bella,
Com doce e meigo fulgor.

Na perdida phantasia,
De luz, de amor, d'alegria
Abrilhantei o porvir,
E segui qual mariposa

Aquella chamma formosa
Que eu via ao longe luzir!

III

Mentira, tudo mentira!
Os meus sonhos... illusões!
As cordas da minha lyra
Já não soletram canções,
A mente já não delira,
E se louco n'um momento
Revolvo no pensamento
Esse passado de amores...
Se triste o peito suspira...
Eu ouço um ecco da terra
Bradar-me com voz que alterra:
—Mentira, tudo mentira!

Foram sonhos. Eram lindos,
Eram lindos... mas passaram!
E d'esses sonhos já findos
Só lembranças me ficaram.
Só lembranças bem saudosas
D'essas noites tão formosas
Em que os sonhos despontaram,
Só lembranças d'esses sonhos,
D'esses sonhos que passaram!...

Hoje vivo, se é que é vida
Andar co'a fronte penhida
Calado e triste a scismar,
E n'essa immensa tristeza,
N'essas horas d'incerteza
Em que adormece o luar,
Em que toda a natureza
É silencio, amor e paz;
Eu sinto a alma saudosa
Perguntar com voz queixosa:
—Lindos sonhos, onde estaes?!

Então um ecco medonho
Responde por cada soubo
C'um gemido... e nada mais!

A minha sina cumpriu-se,
A sina que Deus me deu!
O ecco responde triste:
A linda estrella—sumiu-se!
A tua Helena—morreu!

CASIMIRO ABERU.

A CASA DO CAPITULO NO CONVENTO DA BATALHA.

Já no numero 9 d'este jornal fallámos do magestoso templo de Santa Maria da Victoria.

Occupámos nos então da frontaria principal do edificio, e deixámos para descrever-a correr a elegante penna de fr. Luiz de Sousa, chronista da ordem de S. Domingos.

Hoje, cumprindo a promessa que n'essa occasião fizemos, apresentamos na nossa estampa a casa do capitulo do mosteiro da Batalha, que é uma das suas partes mais notaveis, e dignas de serem admiradas, por ser uma formosa obra de architectura. Eis a descripção mais exacta que conhecemos:

«Sendo quadrada, e tendo 340 palmos em ambito, a 85 por cada lanço, é fechada d'abobada de cantaria, sem columna, nem esteio, nem coisa que a sustente, nem mais repucho da banda de fóra que a companhia do edificio que lhe fica nos lados. Assim está em forma que a quem põe os olhos no alto engana, e faz parecer, pela grandeza da casa, que se sustenta sem concavo. É fama que ao tempo que se fabricava caiu duas vezes ao tirar dos simples, com damno de officiaes; e el-rei, desejando que todavia ficasse a casa sem o desar das columnas em meio, prometteu mercês ao architecto, as quaes o fizeram esperar de sorte que, tornando-a a fechar, affirmou que teria melhor successo; porém ao tirar da madeira dos simples dizem que não quiz el-rei arriscar os officiaes, e mandou vir das prisões do reino alguns homens que estavam sentenciados a grandes penas, para que sobre elles caisse o terceiro damno quando succedesse.»

Os tumulos de D. Affonso V e de D. Isabel sua mulher, e o do principe D. Affonso, filho de D. João II, que tendo 16 annos, morreu por ter caído d'um cavallo, junto a Santarem, acham-se collocados no centro d'esta casa. «E em um dos angulos, no ponto d'onde nasce um ramo dos arcos que vão formar a abobada, se vê o celebre busto, ou antes corpo inteiro, de esculptura, vestido talar, cingida a cabeça com uma touca, e regua na mão, representando ao que parece o mestre que levantou esta estupenda obra. É manifesto que esta estatua não pode ser de Matheus Fernandes, como se tem asseverado sem exame e sem fundamento..... segundo a ordem dos tempos e da obra, não pode ser senão de Affonso Domingues, ou de mestre Ouguet (ou Huet), por serem aquelles, debaixo de cuja direcção julgamos haver corrido toda a obra primitiva. E mais crível nos parece que seja do segundo, visto que sendo Affonso Domingues já falle-

cido em 1402, não é verosímil que então estivesse adiantada a obra do capítulo (1). »

Em todo o edificio sobressae a magnificencia do Mestre d'Aviz. Em todo elle se revela o genio e o gosto portuguez, e deve ser para nós justo motivo d'orgulho.

O SULTÃO NO BAILE.

O actual imperador da Turquia, Abdul Medjid Khan, conta apenas trinta e quatro annos de idade, e succedeu a seu pae Mahmud Khan II no primeiro de julho de 1839; já tem muitos filhos, a maior parte do sexo feminino. Inclinado, como seu pae, á civilização da Europa occidental, tem continuado as reformas e melhoramentos policiaes e administrativos n'este sentido: prescindindo do rigor do antigo traço turco e de muitas etiquetas tem figurado em actos publicos d'um modo a que não se arrojará nenhum dos seus antecessores.

A nossa estampa representa o sultão assistindo ao baile dado na embaixada britanica em o arrabalde de Pera pela viscondessa Stratford de Redcliffe, mulher do ministro inglez.

De caminho explicaremos duas palavras que se lêem frequentemente, cujo sentido muita gente ignora. O titulo de *sultão* deriva d'um vocabulo arabe, que significa *poderoso*, e d'elle usavam no seculo decimo e até ao decimo terceiro os logar-tenentes dos califas, principalmente os que se collocavam n'uma certa independencia; hoje é uma das denominações principaes do monarcha ottomano.

A Porta ou Sublime Porta é o nome official que os turcos dão á côrte do sultão. Mostasem, o derradeiro dos califas abassides, mandou engastar no umbral da porta principal do seu palacio em Bagdad um bocccado da celebre pedra negra que os crentes adoram no templo de Mecca; esta porta tão veneranda veio a ser a porta por excellencia e antonomasia, e depois a denominação estendeu-se ao imperio dos ottomanos, successores do poder dos califas. M.

VILLA FRANCA DE XIRA.

A cinco leguas a leste de Lisboa, sobre a margem do Tejo, está situada Villa Franca de Xira.

Opulenta hoje, como poucas povoações do Ribatejo, Villa Franca deve a sua origem a alguns estrangeiros, que ahí estabeleceram uma colonia.

Achando-se mui proxima de Lisboa, as relações entre uma e outra são continuas, e pode-se dizer que Villa Franca é o centro do commercio do Ribatejo com a capital. Concorre para isto a carreira diaria de vapores entre os dois pontos.

Villa Franca não se distingue por antiguidades. Não se acha ahí castello, nem muralhas arruinadas, nem edificios sumptuosos, ou inscripções que se tornaram illegiveis pela acção do tempo. Pouco ou nada tem Villa Franca concorrido para abrihantear as paginas da nossa historia antiga.

A moderna, porém, deve-lhe a *Villafrancada*; a reacção, que teve lugar em 1823, pela qual foi destruida a constituição de 1820, e restaurado o antigo systema politico, — o absoluto.

A villa tem, pouco mais ou menos, 1100 fogos, contando 4400 almas.

MODAS.

O desfavoravel tempo invernosso que em Paris correu em todo o mez de junho fez com que não apparecessem as modas proprias do verão. Ultimamente nos grandes festejos pelo baptismo do principe imperial notaram-se vestidos de gaze côr de rosa e volantes brancos e côr de lilaz, toucados ou chapéos de *tulle* branca com fitas côr de cravo e enfeites de plumas da mesma côr e guarnição de blonde branca. Tambem se viam chapéos de palha de arroz ornados de ramos de bagas vermelhas. Os feitiços estão indicados nas estampas. M.

CHRONICA SEMANAL.

A novidade das novidades esta semana é uma coisa já sabida. Pois ha novidades já sabidas? Ha. Toda a novidade tem o seu periodo de existencia que não termina em quanto não vem outra para a substituir.

Ora a ultima novidade, a novidade que ainda dura, é a prolongação da *Festa da Caridade*, no Passeio Publico. Não admira que seja das novidades mais tenazes, quando a virtude que a inspira é das que tem mais profundas raizes n'este paiz.

De todas as distracções ali patentes, foram ainda as avesinhas de mademoiselle Vandermeersh que mereceram a preferencia do publico. Era geral a curiosidade que despertava o aligero bando: todos saíam maravilhados e ninguém atinou com o segredo.

O mundo folhetinista tem-se occupado quasi exclusi-

vamente dos *bazaars*. Não tem faltado retratos poeticos, nem comparações mythologicas e botanicas. Inimigos das imitações, não seguiremos o exemplo dos nossos collegas, embora nos custe passar em frente de taes galerias sem nos demorarmos a contemplar algumas figuras bem dignas de admiração. É verdade que para as desenhar duvidamos do nosso lapis, e para as descrever confiamos pouco na nossa penna.

Apesar de tudo, se não fosse a razão apontada, não desistiamos de ensaiar os retratos. Com semelhantes modelos não podia faltar a inspiração. Multa vez o assumpto engrandece a obra. E n'este caso estava este. Mas o dito dito.

Passaremos portanto em silencio pelos *bazaars*.

Estamos fora d'elles.

Excellent. Agora tudo mais que vimos e ouvimos podemos contar. Tudo não, indiscrições não as teremos. Sabemos guardar as conveniencias e censuramos que haja quem falte a ellas. O folhetim entre nós tem exorbitado n'este sentido. Sentimol-o. Nem tudo que se vê, se diz. Parece-nos que alargaram de mais o dominio da imprensa. Dentro em pouco os jornaes tornar-se-hão os pregoeiros das vidas alheias.

O que isto prova é a tendencia que ha n'este paiz para copiar o mau. Gritava-se contra a imprensa do Porto e com razão, para afinal a vermos imitada. É devêras triste. Dizem que a civilização caminha, provem-n'o. Assim desmentem-se.

Ficar-nos-hemos por aqui. Nos limites da chronica não cabem todas as considerações que havia a fazer, nem é esta a sua missão.

Eis-nos pois de volta para o passeio.

Na penultima noite que ali estivemos encontráramos dois amigos, excellentes *flaneurs* que nos acompanharam nas nossas observações. Qual d'elles mais epygrammatico e satyrico proporcionaram-nos tres horas deliciosas.

Versou ao principio a conversação na politica: a parte burlesca custa-nos deixar de a transcrever, todavia resignamo-nos. Só se a adivinharem, conhecendo-os.

..... Mas reparem na gravidade com que esta gente passava ou para melhor dizer anda por essas ruas, exclamou o mais satyrico dos dois amigos, interrompendo a caricatura que traçava de certo parasilta politico. Parecem cumprir um voto n'uma procição de penitencia, ou seguirem o prestito d'um funeral. Nem se atrevem sequer a fallar...

— «Ha alguns deputados que lhe deviam tomar o exemplo, atalhou logo o outro que ainda ruminava duas bernardices parlamentares que se tinham citado.

— «Está decidido que havemos de marcar o passo toda a vida. Vejam. Nascemos para isto. Somos o povo mais tranquillo do mundo; nunca havemos de sair da rotina antiga. Podem fazer as innovações que quizerem; hade tudo ficar sempre no meio. Querem divertimentos de noite, todos pediam a illuminação do passeio, e para que? Para o que vêem. O divertimento existe, mas ninguém se diverte. É o que aconteceu com a *Floresta Egypcia* e o que hade acontecer com todas as distracções d'este genero. Falta-nos a animação, o entusiasmo e a vida para estas coisas.

— «Para quasi todas, seja dito em abono da verdade.

— «Não contesto e reclamo que vamos para perto dos *bazaars*, talvez lá se oiça fallar, ao menos. Diziam que os automatos viam-se por 40 rs., e eu ha uma hora que os vejo de graça.

— «Outro tanto estou certo que te não hade acontecer com os taes *bazaars*.

— «Que me importa! Para ouvir n'este momento a voz d'uma mulher dava o que me pedissem.

— «Sr. N. . . compra-me sortes?

— «Realisou-se o teu desejo, chama-te a caridade, agora recompensa-a generosamente. É dever.

O nosso amigo, complimentando a gentil protectora, (pois era realmente gentil e formosa tambem) aproximou-se do balcão.

— «Quantas? lhe perguntou ella introduzindo a mão no copo que tinha diante de si e começando a tirar algumas sortes.

— «Duas duzias, respondeu o nosso amigo.

Eil-o pois desembulhando vagarosamente todos aquelles papelinhos e repetindo acada instante — *branco*, até que lhe ouvimos exclamar uma vez — *premio*, entregando immediatamente o bilhete á interessante vendedora, que logo mandou buscar o respectivo objecto, que se verificou ser um *broche*.

Favorecido pela sorte, era do seu brio continuar e continou, encetando ao mesmo tempo a conversação, que se foi animando gradualmente a ponto de se esquecer de nós que o viamos renovar a cada instante os pedidos, buscando assim pretexto para se conservar ali. Systema usado e conhecido mas bem acceito sempre, visto reverter em favor da beneficencia. Convencidos de que estavamos privados da sua companhia em quanto a sorte, ou antes a amabilidade da vendedora ali o prendesse, resolvemos prestar attenção ao que se passava em roda de nós, analysando os differentes typos que se apresentavam. Houveram alguns que nos divertiram bastante.

Desde o brasileiro rico até ao morgado arruinado, todos ali foram pagar tributo, uns por ostentação e outros por capricho.

Os theatros não apresentaram nenhuma comedia nova esta semana.

No Gymnasio a *Filha do Ar* continua a attrahir a concurrencia. O theatro normal acaba de ensaiar para o beneficio da actriz Soller as duas comedias de que já fallámos n'um dos numeros antecedentes: *Casamento e Despacho*, de Antonio de Serpa, e *Como se sobe ao poder*, de Luiz Augusto Palmeirim. Para a semana daremos conta do que se passar. Litterariamente podemos já assegurar o seu merito. O resto o publico o dirá.

Sabemos que o autor dos *Homens de Marmore* está concluindo uma comedia em 3 actos intitulada *As duas fortunas*. Dizem-nos ser um trabalho esmerado.

ERNESTO BIESTER.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrução e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 27.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dois actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo autor.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

No Prelo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.

COMO SE SOBE AO PODER, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr.

O CAMÕES DO ROCIO, comedia em 3 actos por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr.

A TORRE DO CORVO, drama por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr.

EXPEDIENTE.

O Editor roga aos srs. Assignantes das provincias que ainda não satisfizeram as suas assignaturas desde o principio d'este jornal, o queiram fazer quanto antes, pelo seguro do correio, na certeza de que, não o fazendo, lhe será suspensa a remessa do jornal, obrigando-me a reclamar o seu debito áquelles srs. que sollicitaram as suas assignaturas.

Assigna-se para o Panorama e Illustração em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Oiro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro, ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo n.º 91; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manoel Gomes de Amorim.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao n.º dos 200 exemplares, em casa dos correspondentes mencionados.

Acham-se completos 7 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1656.

Continuará sem interrupção até 1826.